



Apresentação

O número 54 da Revista *Matraga* reúne dez artigos inéditos, uma entrevista, a tradução de uma carta do escritor francês Émile Zola, uma crônica do escritor brasileiro Ciro de Azevedo, publicada em 1886, e uma resenha de um romance lançado em 2021 – todos centrados no tema proposto: a literatura do real.

O número abre com o artigo de Susan Harrow, intitulado “Beauté balnéaires : figuration et transfiguration du réel dans la représentation visuelle et textuelle à la fin du XIX^e siècle”. Ao associar literatura e pintura no século XIX, a autora se debruça sobre as representações modernas das duas artes, privilegiando a beleza feminina durante o banho, em espaços naturais ou de sociabilidade. Ela identifica três vertentes do que chama de “beleza balneária”, que se relacionam com a questão do real: a vertente da beleza idealizada, a da beleza grotesca e aquela captada no cotidiano. A autora observa-as em suas convergências e paradoxos, mostrando a complexidade da questão. Faz dialogarem, desse modo, representações de uma beleza dita normativa com outra iconoclasta e a beleza tirada dos temas do dia a dia – esta última presente, por exemplo, na literatura naturalista e na pintura impressionista. Ela mostra, para apenas mencionar um caso, que mesmo a pintura acadêmica alegórica, que recicla os temas da mitologia, reveste-se paradoxalmente, no século XIX, de um apelo erótico promovido por uma execução realista, que moderniza a representação dos corpos femininos.

Maurício Chamarelli Gutierrez e Lucas Bento Pugliesi mantêm-se no universo da literatura francesa e propõem uma leitura instigante de uma célebre novela de Honoré de Balzac. Em “Balzac entre realismos: uma leitura de *A obra-prima ignorada* (1831) à luz de Rancière”, os autores, apoiados sobretudo em Jacques Rancière e Michel Foucault, buscam, através de um raciocínio elaborado e em consonância com a proposta do tema deste número da revista, mostrar que, diferentemente do que sugeriram as vanguardas e certas teorias do século XX, o realismo, desde Balzac, integra a literatura moderna por propor uma revolução estética que rompe com a lógica clássica do decoro e com as hierarquias das formas de vida e sua relação com o tempo,



abrindo novas possibilidades para a literatura, sem a obediência, ao contrário do que é às vezes afirmado, ao “imperativo da representação do real”.

Partindo-se então do pressuposto que a mimese realista não implica o imperativo de semelhança com o real, fica mais fácil compreender, como o faz Júnior Vilarino Pereira em “A forma é o real: Flaubert lido por Baudelaire e Maupassant”, como Gustave Flaubert pode ser hoje associado às vanguardas e ao *Nouveau roman*, do século XX, sem necessariamente passar pelos grupos dos escritores realistas e naturalistas que o tinham como modelo e para os quais, queremos frisar, a abordagem do real nada tinha a ver com a ideia de cópia fiel ou imitação. Jules Champfleury, mencionado no artigo, já o deixava evidente em *Le Réalisme*, livro publicado no mesmo ano em que *Madame Bovary* saiu em formato livro: “a reprodução da natureza pelo homem nunca será uma *reprodução* nem uma *imitação*, será sempre uma *interpretação*” (CHAMPFLEURY, 1857, p. 92, tradução nossa). Partindo da publicação de *Madame Bovary*, romance que permanece paradigmático, o artigo associa as leituras feitas do romance de Flaubert pelo poeta Charles Baudelaire e pelo escritor naturalista Guy de Maupassant, para mostrar que “o formalismo e a impessoalidade da narrativa [...] instauram a imanência da obra e singularizam a pertença do autor à escola realista”.

No artigo “Marques de Carvalho (1866-1910) e o naturalismo na Amazônia paraense”, Alan Victor Flores da Silva estuda a contribuição à “escola realista” de um autor naturalista brasileiro pouco conhecido fora da Amazônia. Empenhado em fazer carreira literária em Belém do Pará – ao contrário de outros paraenses ilustres, como José Verissimo, que fez carreira no Rio de Janeiro –, Marques de Carvalho foi pioneiro na escrita de “romances científicos” que tinham a capital paraense como cenário e seus habitantes subalternos como personagens centrais. Nos romances naturalistas *O pajé* (1887) e *Hortêncina* (1888), praticamente esquecidos pela historiografia tradicional, o autor faz o retrato de personagens do cotidiano paraense do fim do século, como curandeiros, parteiras, vendedores de açaí, sapateiros, malandros, vadios e mulatos humildes. Como mostra o artigo, por tal realismo, *Hortêncina* desagradou a José Verissimo e à elite letrada, e isso talvez explique o seu desaparecimento.

Passando para o século XX, Haroldo Ceravolo Sereza apresenta um caso de escrita coletiva no artigo “Da revista ao livro: *Brandão entre o mar e o amor* (1941), ficção coletiva e realismo na Geração de 1930”. Trata-se de um estudo da publicação, em 1941, pela revista *Diretrizes*, da novela *Brandão entre o mar e o amor*, assinada por cinco escritores brasileiros pertencentes à chamada Geração de 1930: Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz. A análise dos capítulos publicados de forma seriada pela revista revela “projetos literários realistas concorrentes” e “nem sempre conciliáveis”, que ora insistem nos aspectos narrativos de uma história de amor e seus conflitos psicológicos, ora no contexto social e político relativo à Segunda Guerra Mundial. O artigo destaca ainda os impasses e as soluções narrativas encontradas pelos autores visando dar coerência ao texto, que posteriormente ganhará várias edições em formato livro. A suposta falta de unidade entre os capítulos deve-se, sobretudo, ao modo de leitura seriada determinado pela própria natureza do suporte.

Abarcando um período de produção literária que percorre as décadas de 1960 e 1970, Sándor Kálai passa em revista em “*Récits d’un empire déchu : le cas de Maria Fagyas*”, a obra romanesca

traduzida para o francês (mas nunca para o húngaro) de Maria Fagyas, escritora americana de origem húngara. Analisando as relações entre o espaço e o tempo, o autor sublinha os procedimentos literários que aproximam os romances em pauta do gênero policial, mas que revelam que a escritora, na verdade, cria um mundo ficcional que propõe a representação da história da chamada *Mitteleuropa* e de seus conflitos no século XX, desvelando momentos de um império desaparecido. A análise trabalha o modo como operam as exigências do realismo para a pintura literária da realidade socio-histórica – não é a “realidade bruta” do mundo que se vê no texto, mas uma “realidade estruturada”. Identifica, igualmente, um cronotopo aspectual disfórico – o da decadência –, visto na obra para falar de momentos anteriores e posteriores ao desaparecimento dos impérios alemão e austro-húngaro.

Também abordando a problemática histórica de impérios desaparecidos, mas desta vez estabelecendo a ponte com o século XXI, “Narrativas de um real em ruínas: dois momentos da literatura portuguesa pós-25 de abril”, de Roberta Guimarães Franco e Karol Sousa Bernardes, traça um panorama literário revelador de uma sociedade em crise, ao analisar obras-chave da nova abordagem do real na literatura portuguesa contemporânea, em dois momentos: o primeiro, após a Revolução dos Cravos e centrado no cenário da Guerra Colonial, e o segundo, a partir do final do século XX, chegando ao início da segunda década do século XXI, com uma atenção especial para a situação dos personagens dos retornados. No primeiro momento destacam-se: *Os Cus de Judas* (1979) de António Lobo Antunes, *Autópsia de um mar de ruínas* (1984) de João de Melo, *A Costa dos Murmúrios* (1988) de Lídia Jorge, e *Jornada de África* (1989) de Manuel Alegre; e no segundo, *O esplendor de Portugal* (1997) de Lobo Antunes, *Caderno de memórias coloniais* (2009) de Isabela Figueiredo, e *O retorno* (2012) de Dulce Maria Cardoso.

Três análises de obras contemporâneas em língua portuguesa compõem o último bloco de artigos, comprovando a permanência da literatura do real no século XXI. Tais obras expressam um novo pacto com o realismo histórico e aludem a um posicionamento crítico diante de um mundo que permanece hostil e desigual.

Em “Narrar/Editar: faces do realismo refratado em *De mim já nem se lembra* (2007), de Luiz Ruffato”, Paulo Alberto da Silva Sales mostra como a ideia da “refração realista” (PELLEGRINI, 2018) permite revitalizar formas de representar e problematizar o real no século XXI, com a descoberta de novas percepções e inovações artísticas. No caso do romance de Ruffato, o cenário é a década 1970, época do apogeu e do declínio da ditadura civil-militar. O pano de fundo é o movimento de migração de trabalhadores do interior do país para os centros urbanos e as adversidades que enfrentam. O artigo destaca as diferentes estratégias de apropriação realista realizadas em *De mim já nem se lembra*, com destaque para as cartas de José Célio, irmão do narrador, que registram a vida cotidiana de sujeitos pobres e subalternizados durante os “anos de chumbo”. A hipótese do artigo é que, por meio do resgate das memórias “clandestinas” desses indivíduos, é possível constituir representações que consigam reproduzir a “suficiência” do real.

“*Maria dos Canos Serrados* (2013), de Ricardo Adolfo, e a recriação *pulp* do real”, de Natália Ubirajara Silva, explora uma manifestação contemporânea do realismo como estética *pulp*, distorcida e caricata, que se sabe simulacro e desemboca no absurdo. Conhecido como um escritor “socialmente realista”, Ricardo Adolfo apresenta personagens à margem da sociedade portu-



sa atual: a mulher pobre que cai na criminalidade, o desempregado, o gigolô, o ex-detento, a mãe solteira, o vendedor de joias falsas e o emigrado retornado. A lente do escritor capta o real “sem filtros” e mostra, de forma exagerada e jocosa, o mundo do crime, do sexo e de variadas misérias humanas. O artigo nota que seria possível apontar semelhanças da literatura de Adolfo com o “realismo feroz” de Rubem Fonseca, mas *Maria dos Canos Serrados* se destaca pelo ritmo veloz da narrativa cinematográfica, levando a “um desfecho *à la* Quentin Tarantino”. Para a autora, a obra de Ricardo Adolfo consolida uma nova ficção portuguesa, calcada no realismo e na narratividade.

Em “Que corpo é esse? A cidade e o real no conto ‘A unha encravada e o esmalte’ (2016), de Allan da Rosa”, Juliana Santini avança a discussão sobre as formas de realização do realismo na ficção brasileira contemporânea. Apoiando-se nos termos propostos por Tania Pellegrini (2018) e no posicionamento crítico que promove uma “representação em profundidade” da constituição social, o artigo mostra como, na narrativa de Allan da Rosa, a fragmentação e a deformação do corpo servem como instrumento de representação de uma cidade fragmentada e desigual. Escrito e publicado originalmente no mês das manifestações de 2013, o conto dá a ver a organização social brasileira, ambígua, violenta e excludente, no contexto que antecede o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Longe de ser uma forma mimética e totalizante, “A unha encravada e o esmalte” faz do contraste e da pluralidade o método de representação da realidade, da cidade e de seus desníveis. No conto, o esartejamento do corpo e a violência escancaram as fissuras que separam os interesses de diferentes grupos sociais e sugerem ser impossível a existência de uma totalidade coesa em torno do bem comum.

Na “Entrevista”, propusemos ao pesquisador João César de Castro Rocha algumas perguntas sobre a relação de Machado de Assis com o realismo e a representação do real na literatura. O pesquisador concorda que existe no Brasil uma visão caricatural do realismo oitocentista, cuja origem remonta à institucionalização dos estudos literários no país, associados aos princípios da Semana de Arte Moderna. Nesse quadro, “o realismo era um prato requeitado”. Desde então, uma parte da crítica universitária forjou o perfil de “grande escritor” de Machado de Assis em oposição ao realismo como modo de organização e expressão, levando ao esquecimento (e mesmo à ignorância) da tradição realista no Brasil. Embora concorde que a famosa crítica de Machado de Assis a *O primo Basílio* seja “carola” e equivocada, João Cezar de Castro Rocha aponta a relação intensa e produtiva do escritor com a literatura realista inglesa e francesa, mas também com autores, como Sterne, que faziam troça desse modelo. Insistindo que os últimos cinco romances de Machado de Assis “valem toda uma literatura”, propõe que essas polêmicas pertencem ao século passado e que estamos todos livres para reler textos encerrados em leituras datadas, assim como reconsiderar autoras e autores, realistas ou não.

Na seção “Outras contribuições”, apresentamos a tradução de uma carta do escritor francês Émile Zola endereçada a seu amigo Antony Valabrègue, que se tornou emblemática nos estudos sobre naturalismo francês. A questão nela tratada, com o esboço da “teoria das telas” feito por um jovem Zola ainda desconhecido – a realidade exata seria possível numa obra de arte? –, é fundamental para o debate sobre as literaturas do real, sendo rediscutida nas reflexões críticas apresentadas em vários dos artigos reunidos neste número da *Matraga*. Com a tradução desta



carta, gostaríamos de encerrar as discussões com as quais nos deparamos ao longo da carreira, que colocam o naturalismo oitocentista (seja no Brasil, seja na França ou em outros países) num lugar “ingênuo” e desvalorizado em relação ao que se seguiu em termos de estéticas e de produções literárias. Ainda nesta seção, recuperamos uma crônica de um escritor brasileiro esquecido que revela novos atores do debate sobre o naturalismo no Brasil. Em “O júri da morte”, publicado na revista *A Semana*, em janeiro de 1886, Ciro de Azevedo discorre sobre a morte do escritor naturalista francês Louis Marie Desprez (1861-1885), autor de *L'Évolution naturaliste* (1884) e do romance *Autour d'un clocher* (1884), pelo qual foi condenado a cumprir um mês de prisão, o que o levou à morte. Posicionando-se como escritor naturalista, o cronista, ao relatar o caso de Desprez, mostra os riscos que tal literatura poderia acarretar a seus defensores.

O número se encerra com a resenha proposta por Darlan Roberto dos Santos do romance *Os tais caquinhos*, lançado em 2021 pela escritora cearense Natércia Pontes. Tendo publicado outros trabalhos, como *Az mulerez* (Edição do autor, 2004) e *Copacabana dreams* (CosacNaify, 2012), com o qual foi finalista do prêmio Jabuti na categoria crônica/conto, Natércia desponta como uma genuína representante da literatura brasileira contemporânea. *Os tais caquinhos* se insere na tendência de nossa época de explorar as múltiplas facetas do sujeito pós-moderno, quase sempre, impregnado de neuroses e compulsões. O romance é um mosaico de pequenos atos cotidianos, mesclados a elucubrações da narradora, imersa na bagunça de seu apartamento. O resenhista chama a atenção para a leitura do romance no formato *e-book*, que intensifica a fruição da obra e amplia a sensação de imprevisibilidade e de caos em que vive a família de Abigail, a protagonista. O mundo em cacos da personagem é o nosso mundo.

Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

REFERÊNCIAS

CHAMPFLEURY, Jules. **Le Réalisme**. Paris : Michel Lévy Frères, 1857.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo e realidade na literatura**: um modo de ver o Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

